

Autor: Martim Butcher Cury (Teodorico Sabino)

Cidade: São Paulo/SP

Paraíso Real

Os céticos que me perdoem: o paraíso existe, sim. Fica à altura do número 196, na 24 de Maio, entre a Dom José de Barros e a imortalizada Ipiranga. Não se trata de um éden bíblico ou qualquer. O nome do estabelecimento, misto de bombonière e atacado que os espirituosos classificam de roubados e vencidos, é nada menos que Paraíso do Real.

Nos intervalos de almoço, digestão em ascensão, ingresso a passo leve no olimpo dos petiscos. Vou em função de paçoca ou similar acepope. Pego, pago, tomo rumo. De pois, de volta ao escritório, comunico aos colegas meu sempre renovado espanto perante tão singular nome fantasia. "É Paraíso do Real!", insisto. E eles, nada.

Por que diabos não se deslumbram? Esse tesouro verbal, desde que notei a placa em tipografia vagamente caribenha, me parece um oásis na vida bruta do centro de São Paulo. Mas ninguém dá bola. É dessa incompreensão mútua que nasce o desejo de fundamentar meu assombro e, quem sabe, convencer os demais de sua razão de ser.

Pois vejamos.

O nome é fruto de uma corruptela. Os preços baixos, além de uma incontornável moeda de um real ao lado do letreiro, testificam que o sentido implícito é de ordem bem pragmática. O original Paraíso do *Um Real* incluiria, assim, a lojinha na tradição do R\$1,99 (que a inflação, aliás, tornou anacrônica). O proprietário, distraído ou genial, prefe riu a síntese à obviedade. Obteve o paradoxo – daí o charme do assunto. É que o enunciado integra dois termos que, olhando de perto, são inconciliáveis. Nisso, produz-se um Governo Municipal Campos do Jordão lampejo, uma fatia fina de pura poesia varejista.

Dito de outro modo: ou é real, ou é paraíso. Os dois juntos não dá. Não pode. Mas é assim. Cumpre notar que o oxímoro não faz meu Paraíso menos melhor. Pelo contrário: a fórmula contraditória, enfatizando o impossível, dá vantagem ao Do Real sobre os demais paraísos no quesito, digamos... paradisíaco. Não é um reles éden, e, no entanto, ei lo ali, ao alcance do patrão e do pedinte, do polícia e do bebum. Basta um passo, e voilà: um pedacinho de céu em dose doce de alegria diária e viciada.

Aí as coisas se complicam. É que o interior do recinto é triste, tristíssimo. Vale lembrar que um real é muito pouco pra uns e pouco real pra



Governo Municipal
Campos do Jordão

muitos. Mas mesmo dos felizardos o convite à maravilha cobra seu preço invisível: diabetes, pressão alta, cânceres variados se oferecem em ponta de estoque e a preço de banana. E de banana que é bom, nem sinal. Lá, nada é fresco, nada pulsa ou viceja. Nas góndolas, apenas a austeridade embalada que a indústria nos empurra goela abaixo com a desculpa de que, se não é bom, pelo menos é. É de comer, dizem eles.

Concluo que o paraíso está do lado de fora, nos olhos de quem o adivinha. O impossível torna-se viável somente no intervalo fantástico em que a frase dura na visão do transeunte. Eu, no caso.

Conclusão arrogante? Pode ser. Mas acho que, com um pouco de treino e uma cota de loucura, esse paraíso está ao alcance de todos. E acho mais: é direito e dever da gente desejar um pouco além daquilo que os donos da bola chamam, cínicos, de real.

Não é sem ciúmes que descubro, via Google, a existência de outros Paraísos dos Reais por aí. Constam filiais em São Mateus, na Estrada das Lágrimas, em Taubaté e em Pato Branco. No fim, vencendo o despeito, alegra-me saber que há gente sujeita à iluminação em outras paragens. Pois, se for pra ir sozinho ao céu, não sei se quero. É por isso que levo a palavra adiante. Há quem chame de fé, há quem chame de delírio. Como prefiram. Eu creio no paraíso. Os cépticos que me perdoem.